

JACOB RODRIGUES PEREIRA: UM HUMANISTA E BENFEITOR DA HUMANIDADE

JACOB RODRIGUES PEREIRA: A HUMANIST AND A BENEFACTOR OF HUMANITY

João Bartolomeu Rodrigues 

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD
Vila Real, Portugal
jbarto@utad.pt

Levi Leonido 

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD
Vila Real, Portugal
levileon@utad.pt

Elsa Gabriel Morgado 

Universidade Católica Portuguesa, UCP
Braga, Portugal
emorgado@ucp.pt

Resumo. Na presente investigação, pretendemos divulgar a figura de Jacob Rodrigues Pereira, judeu de origem portuguesa, que ainda em criança foi obrigado a fugir com a família para França, a fim de escapar à vigilância apertada da inquisição. Benfeitor da humanidade, Jacob Rodrigues Pereira deixou à sociedade, particularmente aos surdos-mudos, o instrumento que os retirou da exclusão da convivência humano: foi o inventor do alfabeto manual que permitiu a comunicação destes excluídos com o resto da sociedade. Tomámos como ponto de partida para esta investigação, um longo artigo da autoria de Pinheiro Chagas, publicado em 1868, no Jornal *O Panorama*, ao longo de quatro números. O contraste entre a fama de que este benfeitor goza em França, cujo nome batizou uma das principais avenidas de Paris, choca com o paradoxo de em Portugal ser uma figura tão ilustre quanto desconhecida.

Palavras-chave: humanidade; educação; surdos-mudos; alfabeto manual.

Abstract. In the present investigation, we intend to disclose the figure of Jacob Rodrigues Pereira, a Jew of Portuguese origin, whom as a child was forced to flee with his family to France in order to escape the close surveillance of the Inquisition. Benefactor of humanity, Jacob Rodrigues Pereira left the society, particularly the deaf-mute, the instrument that removed them from the exclusion of human coexistence: it was the inventor of the manual alphabet that allowed the communication of these excluded with the rest of society. We took as a starting point for this research a long article by Pinheiro Chagas, published in 1868, in *O Panorama*, along four issues. The contrast between the reputation that this benefactor enjoys in France, named after one of the main avenues in Paris, clashes with the paradox that in Portugal he is as illustrious as it is unknown.

Keywords: humanity; education; deaf-mute; manual alphabet.

INTRODUÇÃO

Sem qualquer pretensão de apresentar uma história da deficiência que flagelou os surdos-mudos ao longo da História, propomo-nos neste trabalho contextualizar os contornos que plasmaram o contributo que o português Jacob Rodrigues Pereira deu para a integração/educação dos excluídos do banquete da vida: os surdos-mudos, os mitos acerca dos portadores desta deficiência, as religiões, os preconceitos, as famílias e as pessoas que ao longo dos séculos lidaram com este drama, deixaram testemunhos reveladores do comportamento, da situação, das estruturas, das relações diferenciadas, das formas sociais de comunicação e das instituições que serviram ou não de suporte à convivência humana.

É nossa convicção que um ponto de vista é, apenas, a vista a partir de um ponto, mas também estamos certos de que as visões particulares que a História acolhe, passadas, naturalmente, pelos crivos de que dispõe, concorrem para a visão sinóptica tão almejada pelos historiadores. Dentro dos parâmetros que a modéstia impõe, almejamos os seguintes objetivos: evidenciar o interesse que o Jornal Literário e Instrutivo “O Panorama” (1837 - 1868) dedicou à problemática da integração e educação dos surdos-mudos; revelar o contributo de Jacob Rodrigues Pereira, uma figura da cultura portuguesa, tão ilustre quanto desconhecida, do público em geral, no que concerne à emancipação dos surdos-mudos.

Esclareça-se, desde já, que para além das referências circunstanciais feitas em *O Panorama* à problemática relacionadas com as Necessidades Educativas Especiais (NEE), centraremos a nossa atenção num extenso artigo publicado em 1866, ao longo de quatro números, intitulado *O Abade de L'Épée*, da autoria de Pinheiro Chagas. Faremos ainda uma breve referência a outro artigo com o mesmo título, da autoria de Alexandre Herculano, no mesmo Jornal (1839). O jornal *O Panorama* foi um periódico fundado no dia 6 de maio de 1837 pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis e teve como diretor Alexandre Herculano, figura incontornável da cultura portuguesa, cuja personalidade marcou, desde a

primeira hora, o ideário daquele que viria a ser o jornal de maior prestígio do século XIX, em Portugal. A longevidade deste periódico – que se estendeu até 1868 - não está isenta de peripécias e dificuldades, cujas sucessivos ciclos de publicação testemunham os 18 anos efetivos de publicação, repartidos por cinco séries, sob a direção de eminentes diretores e ilustres redatores. *O Panorama* refere-se, assim, a um semanário de oito páginas, de feição enciclopédica, caracterizada por João Rodrigues nos seguintes termos:

Podemos afirmar com segurança que *O Panorama* se apresentou como veículo de civilização: dentro das contingências que o limitavam, concebia-se a si mesmo como uma biblioteca acessível a todas as fortunas, acomodado a todos os gostos e interesses, estimulando em todas as classes o amor da leitura e da instrução (Rodrigues, 2008, p. 91).

O mesmo autor adiante continua a caracterização da publicação e sem comprometer a feição enciclopédica evidencia o seu pendor pedagógico ao referir que foi

o hóspede certo, o conselheiro, o amigo, o animador dos serões da província; foi o suporte que levou a informação às serras e cidades e, o educador de uma geração esquecida, a janela que se abriu para a compreensão dos seres e das coisas, o arauto das boas novas e o passaporte para o mundo do recreio, do lazer e da ficção (Rodrigues, 2008, p. 91).

Foi o jornal *O Panorama* - que ao longo de sucessivos números - retirou da sombra do esquecimento aquele filho ilustre de Portugal e benfeitor da humanidade, filho que a inquisição havia votado à ostracização. Por isso, começaremos por evidenciar o papel que esta publicação exerceu no contexto da cultura portuguesa em geral e da Regeneração em particular.

Importa ainda referir que uma parte significativa dos artigos do jornal *O Panorama* não estão assinados, em virtude da política da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis que impunha, pelo menos nas primeiras séries, o anonimato aos jornalistas/colaboradores. Para essas situações, omitiremos o nome do autor anónimo e este será substituído pela abreviatura PAN (de Panorama) seguido do ano e respetiva página.

A INFLUÊNCIA DO JORNAL O PANORAMA NO CONTEXTO DA REGENERAÇÃO¹

No âmbito da cultura portuguesa não podemos deixar de referir a importância que os jornais populares desempenharam no contexto da Regeneração. Mais de três séculos de estagnação (1580 – 1834) fizeram passar Portugal do leme para a cauda da Europa: em 1580, Portugal perdeu a independência e foi governado sob o jugo autoritário espanhol, durante sessenta anos; o regime que se seguiu até 1820 trazia consigo a marca dos regimes absolutistas europeus, com a agravante de ter a Inquisição como o braço opressor que cobria de medo todo o Reino; com a iminência das invasões francesas, a família real foge para o Brasil (1808); as três invasões francesas (1808-1810) deixaram um rasto de devastação, roubo e terror na população; o socorro dos ingleses teve um preço muito alto – o poder ficou nas mãos dos generais britânicos até à revolução liberal (1820); com o regresso de D. João VI a Portugal (1822) e a morte iminente do monarca, Portugal envolveu-se numa guerra civil, por causa da sucessão ao trono, que opõe D. Pedro, o Imperador do Brasil (liberal) a seu irmão D. Miguel (absolutista). A guerra só termina no dia 24 de julho de 1834 com o triunfo de D. Pedro, que entrega o trono a sua filha D. Maria II.

É neste contexto de atraso que surge o movimento que visava repor Portugal no caril do desenvolvimento - a Regeneração. A imprensa surge como a principal aliada desta ideia regeneradora que pairava na mente das figuras mais esclarecidas do Reino.

É nesse contexto regenerador que aparece - como acima foi referido – em 1837 o Jornal *O Panorama*, fundado e dirigido até 1839 por Alexandre Herculano. João Rodrigues é perentório ao afirmar que

a tiragem de 5000 exemplares, espalhados pelo país, atingida nos primeiros números, é um sintoma suficientemente claro para podermos sustentar que *O Panorama* conseguiu estimular em milhares

¹ “A regeneração, mais do que um movimento político, foi uma ideia que alimentou a esperança dos liberais, cujo objectivo visava ilustrar Portugal, de tal forma que a nação portuguesa pudesse acompanhar o desenvolvimento dos países mais avançados da Europa; a sua finalidade apontava para o renascimento da Nação”, “repondo-a no carril do liberalismo de onde muito se transviara, estabelecer e consolidar a paz nacional, a paz das armas, a paz dos espíritos, na esperança de que os portugueses pudessem dedicar-se ao trabalho com alegria e proveito (Carvalho, 2001, p. 786, referido por Rodrigues, 2008, p. 83).

de pessoas de todas as idades, sexos e extratos sociais, a necessidade de ler em milhares de pessoas de qualquer idade, sexo e extracto social (Rodrigues, 2008, p. 91).

Maria Cristina Lança de Mello, referindo-se à influência coetânea deste jornal, refere que “*O Panorama* não só marcou uma posição de relevo entre os jornais populares contemporâneos pelo largo programa de divulgação cultural cumprido ao longo da sua existência” (Mello, 1971, p. 11), mas deixou uma marca profunda na sociedade do seu tempo. Do seu singular prestígio e da sua penetrante eficácia, falam-nos, em jeito de testemunho os seus coetâneos, avaliando-o em termos elogiosos, como o

mais admirável instrumento de iniciação intelectual, no atraso relativo em que se encontravam; aperfeiçoou a língua, desenvolveu o gosto pelas letras, fez reviver o gosto pelas nossas tradições na imaginação popular e por ele se deu voo e impulso a vocações novas que foram gradualmente sobressaindo em todas as esferas da actividade social (Ribeiro, 1879, p.27).

Araújo e Castro (1843), uma insigne figura da cultura portuguesa, falando de instrução e urbanidade, aconselha o uso da melhor bibliografia, quer nacional, quer estrangeira. E qual foi a recomendação da bibliografia portuguesa? “(...) finalmente, na bibliografia portuguesa moderna (...) recomendo a *Revista Universal de Lisboa* e *O Panorama* nos artigos *educação, probidade, ensino público* e outros concernentes à educação e instrução” (Castro, 1843, p.3).

Um ano mais tarde, o mesmo autor, em carta datada de 5 de dezembro de 1844 e direcionada à Direção de o jornal *O Panorama*, congratulava-se com o sucesso de tão prestigiosa publicação, manifestando o apreço pelo conteúdo veiculado neste jornal, de tal forma que afirma que a sua leitura deve ser sugerida a todos, pois *O Panorama* aparece como autêntico instrumento impulsor de educação popular:

vejo com particular satisfação que os Jornais científicos, o *Panorama* e a *Revista Universal de Lisboa*, continuam a gozar de uma bem merecida aceitação. Enquanto houver quem escreva e quem leia, existe um sintoma de vida social, e uma esperança de que alguém se aproveite; e as gerações futuras, sendo mais esclarecidas e virtuosas, hão-de ser por consequência mais felizes do que a presente. A empresa da Sociedade, que promove a *propagação dos conhecimentos úteis*, se for sempre bem dirigida continuará a ser obra de civilização. (...) Deve pois recomendar-se a sua leitura como um meio seguro e eficaz de desafiar o apetite e a curiosidade do povo e das crianças, e de auxiliar os filósofos e os pais de família na importantíssima e gloriosa tarefa de promover a educação pública e doméstica (Castro, 1843, p. 2).

Silvestre Pinheiro Ferreira (1843, p. 27) constata que uma das mais-valias de *O Panorama* e outros jornais do género

é de servir de armazém, em que cada uma possa depositar as ideias que lhe ocorrerem, e cuja publicação, parecendo-lhe poder ser útil, seria impraticável por outro modo; já por serem ideias destacadas, já porque sendo em pequeno número não podem formar um corpo de doutrina”. “Isto é o que nos acontece com as ideias-soltas que desejaríamos comunicar ao público, para serem por ele julgadas, e, no caso de o merecerem, elaboradas pelos mestres da arte; a fim de servirem algum dia a formar a tão desejada gramática filosófica da língua portuguesa” (Ferreira, 1843, p. 27).

Dum colaborador, cujo anonimato nos impede a sua identificação, recebemos o *feedback* que elenca os efeitos operados por tão prestigiosa publicação: “conseguiu-se que pessoas adversas à leitura, e que se assustavam à vista de um livro, adquirissem o útil hábito de ler; que as crianças alcançassem por gosto próprio ideias e noções, que só por largos anos e com o peso e enfado do estudo regular obteriam” (Pan, 1841, p. 271).

Pela pena de outros redatores, se percebe o contributo deste jornal para o desenvolvimento que o país conheceu, durante a vigência da Regeneração, que por curiosidade coincide com o período de tempo em que *O Panorama* se publicou:

Enfim, se o país tem dado alguns passos no caminho do progresso material e moral, *O Panorama* pode jactar-se de não ter sido inteiramente alheio a semelhante sucesso. Os documentos irrecusáveis dessa verdade estão estampados nos seus milhares de páginas, e na convicção dela está a recompensa da firmeza com que os seus diversos redactores têm sabido seguir o sistema estabelecido a princípio nas condições e fins desta publicação (Os RR., 1844, p. 2).

No dia 5 de Setembro de 1846, outro colaborador anónimo, refere o mesmo feito glorioso que *O Panorama* tinha provocado na sociedade oitocentista portuguesa – o gosto pela leitura: “Na hora mesmo,

em que se retirava da imprensa, o gosto da leitura estava criado, e a saudade, com que geralmente o viram desaparecer, era a prova mais lisonjeira disso” (Pan, 1846, p. 1).

Vale a pena fazer referência a uma interessantíssima coincidência: no último ano de publicação de *O Panorama* (1868), apareceu, no Porto, uma nova revista – *A Gazeta Literária do Porto*, tendo como principal redator a figura incontornável de Camilo Castelo Branco, o qual categorizou *O Panorama* como um jornal “primoroso e ainda não imitado exemplar de periódico literário” (Brito, 1997, p. 211). Sem o explicitar, parece legítima a dedução que se extrai das premissas que Camilo nos dá ao estabelecer uma relação entre *O Panorama* e a *Gazeta Literária do Porto*, onde o redator desta poderá ter concebido na sua mente o plano de fazer da *Gazeta* nascente um substituto à altura do periódico que teve Herculano como seu diretor e principal redator (Brito, 1997, p. 211).

António José Saraiva referindo-se ao jornal *O Panorama* afirma que foi, genericamente, um jornal de cariz enciclopédico. Salvaguardando as devidas diferenças, ele foi para a sua época o equivalente ao *Rider’s Digest* (Saraiva, 1949, p. 200). Foi nas palavras de João Rodrigues

um instrumento de difusão das temáticas culturais de maior interesse, respondendo, assim, às necessidades e gostos e interesses e curiosidades da pequena e grande burguesia. Em suma, *O Panorama* ficou na memória dos contemporâneos como um monumento, como um marco significativo de uma época de grandes transformações político-sociais, como obra de civilização que se tinha dado inteiramente à tarefa de promover a instrução e a educação públicas (Rodrigues, 2008, p. 94).

A área geográfica de influência não estava limitado a Portugal. Há registos de colaboradores e assinantes espalhados quer pela Europa, quer pelo Brasil. A propósito da sua influência no Brasil, não podemos deixar de referir o testemunho de um redator anónimo, referenciado com pseudónimo de “Os RR”, onde afirma:

Igualmente o Brasil – esse novo e vigoroso tronco da antiga árvore portuguesa, respondeu ao sincero convocar do *Panorama* para a propagação dos Conhecimentos e boas ideias. Os nossos irmãos d’além mar acolheram com favor o trabalho de alguns homens, desconhecidos para eles, em proveito de todos os que falam a formosa língua portuguesa. Se as circunstâncias e os factos, se a força irresistível do tempo nos desuniu politicamente, a identidade da linguagem, de crenças, e d’vós, conservara perpetuamente entre o Brasil e Portugal um laço de fraternidade que nenhuns acontecimentos podem partir – os laços invisíveis, mas duradouros da inteligência (Os RR, 1842, p. 1)

Foi este mesmo jornal que divulgou, em pleno século XIX, a figura e a obra de Jacob Rodrigues Pereira, um benfeitor da humanidade, completamente desconhecido no seu país, mas reconhecido em toda a Europa, como adiante veremos.

JACOB RODRIGUES PEREIRA, UM ILUSTRE DESCONHECIDO

Embora o assunto principal dos referidos artigos de *O Panorama* seja dedicado à figura do Abade de L’Épée, nem por isso Pinheiro Chagas (1868) deixa de repor alguma justiça, ao recordar a figura e o mérito de um nome português, contrariando, assim, a tendência de alguns portugueses em esquecer os seus notáveis compatriotas e sepultá-los na sombra do esquecimento. Para exemplificar o desconhecimento, entre os portugueses, de tão ilustre figura de Jacob Rodrigues Pereira, basta referir um episódio tão caricato como este: apesar de em 1834 ter sido fundado em Lisboa o Instituto Jacob Rodrigues Pereira, pioneiro no ensino dos surdos em Portugal, integrado hoje na Casa Pia de Lisboa, não encontramos qualquer referência ao homem que inspirou a sua criação e emprestou o nome ao Instituto, na sua página na internet².

² Conforme se pode ler no site da Casa Pia, “O Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Rodrigues Pereira é, uma resposta socioeducativa inclusiva que se encontra vocacionado para a educação e ensino de crianças e jovens surdos, integrando a rede Casa Pia de Lisboa desde 1834. Nesta área – educação de surdos - é uma instituição com importância histórica a nível mundial, mas pautando a sua atuação com um desafio de constante inovação pedagógica, sedimentada numa investigação profunda (linguística e pedagógica), que permite aos educandos surdos que acolhe o acesso pleno à educação e formação, com vista ao exercício pleno da cidadania” (Disponível em: <http://www.casapia.pt/Default.aspx?tabid=293&language=pt-PT>). Apesar disso, não encontramos qualquer referência à figura de Jacob Rodrigues Pereira. Neste sentido, o CED, assume nos seus programas e na sua prática pedagógica diária, a Língua Gestual Portuguesa (LGP) como primeira língua de educação das crianças surdas. Contudo, a sua oferta educativa e formativa, está igualmente aberta a crianças e jovens ouvintes.

Num extremo oposto, exacerbados por um patriotismo mal-entendido, também houve quem, sem escrúpulos, atribuísse a Jacob Rodrigues Pereira a glória de iniciador do ensino dos surdos-mudos. Pinheiro Chagas, citando um período do *Almanak de Lembranças*, da responsabilidade do Sr. Alexandre Magno de Castilho, mostra o excesso do referido autor: “Sejamos, pois, orgulhosos por haver sido um dos nossos compatriotas o primeiro que se lembrou de aproveitar, para a sociedade e para si próprios, homens de que nem eles nem ela pareciam poder tirar grande proveito” (Chagas, 1867, p. 106).

Pinheiro Chagas com um simples exercício de confrontação de datas, repõe a verdade dos factos, colmatando, assim, não só as lacunas e erros de alguns portugueses, mas também as omissões e desacertos dos estrangeiros, que ou não citam Jacob Rodrigues Pereira, ou o apresentam como mero copista de Pedro Ponce. O Redator de *O Panorama*, consciente de que *in medio virtus*, lembra aos seus leitores que Jacob Rodrigues Pereira viveu no século XVIII, e foi em “1584 que faleceu o benemérito espanhol Pedro de Ponce, o primeiro que tentou resolver essa grave questão, e que pôde tirar das trevas em que viviam dois irmãos do condestável Velasco” (Chagas, 1867, pp.106-107).

Quem foi afinal Jacob Rodrigues Pereira? Os dados biográficos, particularmente o local de nascimento parece não ser consensual ente os diferentes autores. Parece-nos importante esclarecer a questão da naturalidade de Jacob Rodrigues Pereira, porque apesar de Pinheiro Chagas ser uma figura inquestionável da cultura portuguesa, a informação prestada, neste pormenor, parece-nos pouco consistente. Eis a forma, tão simples como aparentemente tão incontroversa, o redactor de *O Panorama* aborda a questão:

era natural de Peniche este Jacob Pereira; o ano em que saiu de Portugal não o sabemos ao certo, o motivo facilmente se adivinha. A inquisição, expulsando da pátria uma raça ativa e inteligente, espalhou por todo o mundo grandes homens, de que nos poderíamos ufanar, e que enriquecem os factos de alheias nações. Na história literária, científica e política dos países estrangeiros encontramos, muitas vezes, nomes que facilmente se reconhecem como portugueses, apesar duma ou doutra corruptela. Esses homens notáveis, que lá fora encontraram abrigo, são os judeus expulsos de Portugal pelo Santo Ofício, ou descendentes deles. É mais um favor que devemos a essa benéfica instituição (Chagas, 1867, p.107).

No *Dicionário dos mais ilustres Transmontanos e Alto Durienses*, Barroso da Fonte (2001) refere que nasceu em 17 de Abril de 1715 de um lar que tinha residência na antiga vila de Chacim, hoje uma modesta aldeia transmontana, situada no concelho de Macedo de Cavaleiros. Ferreira Deusdado apoiando-se no testemunho de um bisneto de Jacob Rodrigues Pereira, o banqueiro Eugénio Pereira, parisiense, refere a sua data de nascimento a 17 de Abril, para de imediato referir que não é consensual o lugar onde nasceu, para se decidir pelo país vizinho, fundando a sua tese na informação do referido bisneto:

Com efeito nasceu em Espanha no momento em que seus pais viajavam na fronteira portuguesa desse país, mas os seus progenitores e antepassados tinham casa e residência em Chacim desde o século XV, como nos afirmou oralmente em Paris no ano de 1890 o seu bisneto Eugénio Pereira, banqueiro de Paris e Conde de Pereira em Portugal, por graça de El-Rei D. Luís I (Deusdado, 1995, p.325).

O facto dos pais de Jacob Rodrigues Pereira residirem temporariamente no país vizinho e eventualmente ter nascido em Berlenga, “não exclui – afirma o pedagogo bragançano – a nacionalidade portuguesa do filho ali nascido” (Deusdado, 1995, p. 325). No que se refere a autores estrangeiros, Seguin e La Rochelle, referidos pelo autor de *Educadores Portugueses*, afirmam que nasceu em Berlenga, cidade da Estremadura espanhola. Amaral Cyrne, numa atitude tão nacionalista quanto apologética, aventa no *Resumo da História da Pedagogia* (1881) a hipótese de que a Berlenga, citada pelos autores seja corrupção de *Berlenga* (Peniche). Este autor segue, “a opinião de Inocêncio da Silva e também a de Silvestre Ribeiro” (Deusdado, 1995, p. 325).

A verdade dos factos parece vir ao de cima num discurso que Izac Pereira, neto de Jacob Rodrigues Pereira, terá proferido em 1877, onde atribui a este a nacionalidade portuguesa. Isto não invalida o conteúdo da carta que o bisneto do ilustre professor, o Conde Eugénio Pereira escreveu e que Ferreira Deusdado transcreve:

Au sujet de la nationalité du premier instituteur des surds-muets en France, je puis vous certifier qu’il était portugais. D’après les documents authentiques que je possède, Jacob Pereira est bien né en Espagne, como vous les dites, à Berlenga, dans l’Estremadure. Mais il y a d’observer que son père et sa mère etaient nés tous dès à Chacim, (prés Bragança), où leur famille était fixée dès la fin du XV siècle; qu’ils y eurent plusieurs enfants avant d’entrer en Espagne vers 1698; et que le père de Jacob Pereira revint même mourir em Portugal, à la Moita em 1735. Les parents de mon bisaieul

n'on donc fait que passer quelques années en Espagne et n'ont pás perdu leur nacionalité portugaise pendant leur sejour à l'étranger (Deusdado, 1995, p. 325).

Esse testemunho de Isac Pereira, transcrito por Ferreira Deusdado, é confirmado numa investigação recente levada a cabo por Emílio Salgueiro, onde investiga a tentativa frustrada da fuga da família de Jacob Rodrigues Pereira de Portugal para Itália, a qual acaba por cair, já em Espanha, nas mãos da inquisição de Sevilha. No final do primeiro capítulo, da referida investigação, conclui com as seguintes palavras:

O interesse particular que a história destas famílias transmontanas perseguidas tem para nós, deriva do facto de o João Lopes Dias e a sua mulher Leonor Henriques Pereira, bem mais tarde, em Abril de 1715, já depois de passada toda esta tormenta, mas continuando a viver em Espanha, virem a ser os pais de um tal Francisco-António Rodrigues Pereira, este Francisco-António, nascido em Berlenga, pequena povoação distante 3 léguas de Llerena, e que foi necessariamente baptizado à nascença e criado ostensivamente como “cristão-novo”, virá a assumir-se, num futuro relativamente próximo, como o Jacob Rodrigues Pereira – a figura central deste nosso livro – judeu já convicto, judeu já converso ao decidir emigrar para Bordéus, em França, em 1741, com 26 anos de idade, como em capítulos posteriores se relatará com o detalhe que merece (Salgueiro, 2010, p. 24).

DESCONHECIDO EM PORTUGAL, RECONHECIDO NA EUROPA

Foi em França, no país de acolhimento, que Jacob Rodrigues Pereira deu o seu contributo para tão nobre causa como aquela que lhe reconhecemos. Só podia ter sido o país de Buffon, de Luís XV, de Bousset e de Descartes a abrirem-lhe as portas que a sua pátria lhe fechara com o camartelo. Pinheiro Chagas apresentava-o em plena atividade, mostrando a França o reconhecimento de lhe ter aberto as portas e lhe ter proporcionado as condições para desenvolver o talento com que a natureza o dotara:

Já em 1734 o vemos em França ocupando-se activamente da revolução do grande problema a que dedicou a sua vida; a 22 de Novembro de 1746, um seu discípulo, de 16 anos de idade, é apresentado à Academia de Caen e excita geral espanto pela sua rápida compreensão, e facilidade das respostas. Em 1749, debaixo do patronato do grande escritor e célebre naturalista conde de Buffon, que lhe fez o mais lisonjeiro acolhimento, foi apresentado, com o mesmo discípulo, à Academia das ciências de Paris. Esta nomeou uma comissão, que deu sobre o que presenciara o mais favorável parecer, notando que era o primeiro caso que em tal objecto se admirava. Adquirindo, por esse facto, grande nomeada o nosso compatriota, Luís XV manifestou desejos de o ver. Foi Jacob Pereira, acompanhado do mesmo discípulo, e obteve do monarca as mais lisonjeiras demonstrações de agrado. Em 1751 apresentou outro discípulo à Academia, e a 22 de Outubro, do mesmo ano, el-rei conferindo-lhe uma pensão de 800 libras anuais (libras francesas) e outra pensão igual ao primeiro discípulo. Em 1703 foi nomeado intérprete do rei para as línguas espanhola e portuguesa. Morreu em 1774, e jaz sepultado no cemitério da Villette (Chagas, 1867, p. 107).

A sua fama parece ter-se espalhado rapidamente pela Europa. Ferreira Deusdado (1995, pp. 323-330) salienta que,

durante uma década de investigação, associou a teoria à prática educativa, na arte da comunicação dos surdos, dado que pôde promover um ensino laboratorial que ministrava a alguns alunos surdos profundos ou com vários graus de surdez. As origens sociais destes alunos eram diversas, sendo que parte deles era proveniente de famílias pobres.

Deusdado destaca o trabalho realizado por Pereira, tendo em consideração a continuidade e aplicação do método com Asy de Etavigny (um dos seus alunos). Facto que acabou por impressionar o Rei Luís XV. Este, inclusive, atendendo ao sucesso do trabalho realizado, propôs a criação de uma cadeira para este efeito específico (ensino dos surdos) no colégio de França (Deusdado, 1995). Tal feito resultou em várias publicações (Gazetas) da época e granjeou admiração e interesse de importantes intelectuais e académicos franceses. Só em Portugal, o seu nome parece ter sido anatematizado, como se de um malfetor se tratasse:

Mereceu o nosso compatriota os maiores elogios dos periódicos e dos escritores do tempo, e entre estes do mais ilustre e do menos elogioso de todos J. J. Rousseau. Quiseram vê-lo os reis da Polónia, da Suécia, da Dinamarca. Lisonjeiras demonstrações de apreço, de que Portugal se deve ufanar, e ao mesmo tempo envergonhar, pensando que um dos seus filhos mais prestantes, era em toda a parte acolhido com admiração e estima por grandes e monarcas, era proscrito da sua pátria pelo mais estúpido despotismo que nunca pesou sobre um país. E, prestada esta homenagem ao

nosso ilustre compatriota, curvemo-nos agora com respeito perante um grande vulto que domina todos os seus predecessores, perante o homem que, no meio deste caos de sistemas incompletos, soube descortinar o verdadeiro, e emancipar os surdos-mudos pelos meios singelíssimos, que a natureza mesma lhe indicava, e que Jacob Rodrigues Pereira pressentira quando inventara o alfabeto manual (Chagas, 1867, p. 107).

Pinheiro Chagas apresenta, assim, uma admirável síntese do contributo de cada um dos protagonistas referidos, no que concerne ao aperfeiçoamento do método de ensino dos surdos-mudos, nos seguintes termos:

Jacob Rodrigues Pereira está colocado entre os dois benfeitores dos surdos-mudos, como o elo que os liga. Aperfeiçoa o sistema do primeiro, e prepara o sistema do segundo. O seu método é ainda, para assim dizermos, individual. Cada surdo-mudo é ensinado isoladamente. O espanhol Ponce fazia com que o seu discípulo lesse nos lábios do seu interlocutor a palavra que este pronunciava, e respondesse por escrito. Jacob Pereira leva mais adiante o prodígio, consegue que o surdo-mudo responda de viva voz. As palavras que ele pronuncia, pronuncia-as sem a consciência do som que produzem. Ao movimento dos lábios que soletra no interlocutor corresponde com outro movimento dos lábios, da língua e dos dentes que formam o mecanismo das palavras. Devia ter não sei que sombrias tintas de sortilégio a cena em que o primeiro discípulo de Jacob Rodrigues Pereira pronunciou automaticamente a primeira palavra. Pareceria aos espectadores que um cadáver saía do túmulo e soltava por entre os dentes nus esses sons silvantes e diabólicos. Temos, pois, o sistema de Ponce aperfeiçoado por Jacob Pereira; o do abade de L'Épée, veremos que foi também preparado por ele, com a invenção que se lhe deve do alfabeto manual, auxiliar do alfabeto labial (Chagas, 1867, p. 107).

A brevíssima referência ao método de Pedro Ponce, justifica-se e compreende-se pelo facto de Pinheiro Chagas escrever acerca do Abade de Versalhes. A referência mais aprofundada acerca da vida e obra de Jacob Rodrigues Pereira, compreende-se, igualmente, pelo facto de se tratar de um português votado ao esquecimento, bem como pela preocupação do jornalista de *O Panorama* mostrar que o êxito do Abade de L'Épée teve um longo percurso que o precedeu: foi o caminhado iniciado pelo monge espanhol e continuado pelo judeu português que permitiu ao Abade de L'Épée, criar os canais que iriam permitir a comunicação, quebrando definitivamente as barreiras que isolavam estes seres humanos da convivência humana.

Antes de concluir esta investigação, importa fazer uma breve referência à avaliação que Edouard Séguin (1847) faz do seu método, na obra intitulada: *Jacob-Rodrigues Pereira – Notice sur sa vie e ses travaux; et Analyse raisonnée sur sa méthode, précédée de L'elogie de cette methode par Buffon*. Nesta investigação, Edouard Séguin (1847, p. 347) aventa que a “paixão de Jacob pela causa dos surdos-mudos terá nascido ainda em Espanha, onde terá dado início ao seu método, mas terá sido em Bordéus que lhe deu continuidade, onde terá começado receber na sua casa crianças surdas e mudas, com o propósito de as educar”. Mais preocupado com a melhoria das crianças do que com o registo dos métodos, só depois de resultados consistentes é que Jacob Rodrigues Pereira “fazia o registo das evidências que iam alicerçando o seu renome científico” (Salgueiro, 2010, p. 200). Na obra acima referida, Séguin (1847) transcreve a correspondência entre Jacob Rodrigues Pereira e o Abade Debois, de onde extrai interessantíssimos relatos das lições de Jacob que em muito concorrem para a caracterização não sistematizada do método. O qual introduz com as seguintes palavras: “o seu método pedagógico enfim era excelente, os seus sucessos confirmam-no” (Séguin, 1847, p. 200).

A invenção do alfabeto manual permitiu, assim, a comunicação dos surdos-mudos com o resto da sociedade. A sistematização do método, que não é objeto desta investigação, justifica *per se* um estudo autónomo que cientificamente lhe dê a visibilidade que merece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em jeito de conclusão, importa recordar que se Herculano (1839, p. 56) tinha associado a dedicação de L'Épée “à causa dos surdos-mudos, no Jornal *O Panorama*, a uma mera casualidade”, Pinheiro Chagas, 18 anos depois, contraria essa tese com um novo argumento, afirmando que o sucesso de Jacob Rodrigues Pereira terá compungido o Abade de L'Épée a abraçar a causa destes miseráveis. Mais ainda, Pinheiro Chagas esforça-se por dar a conhecer aos seus leitores que os passos dados pelos seus antecessores foram cumulativos e que o êxito alcançado por um homem pode ter - e teve neste caso - um caminho dificultoso, aberto e percorrido pelos primeiros: o método de Ponce, ou seja, a leitura nos lábios era de aprendizagem longa e dificultosa, e também e de difícil execução. O alfabeto manual inventado por Jacob Rodrigues Pereira revelou-se num extraordinário contributo e precioso auxiliar; mas este, como o primeiro, tinha o

grandíssimo inconveniente de obrigar o mestre a explicá-los em particular a cada um dos discípulos. Foram, apesar de tudo, decisivos para de L'Épée por em atividade a engrenagem perra dessa máquina: percebeu-lhe os defeitos, corrigiu-os e deu o passo decisivo, inventando, assim, a nova língua, a língua dos gestos, a língua pitoresca, expressiva e animada, a língua que brotou à voz do Abade de L'Épée, a língua que espantou os surdos-mudos, a mesma língua que deslumbrou o mundo ainda incrédulo, a língua que, guiada pela mão inteligente do mestre, transformou a pobre mímica num idioma onde se continha um mundo de ideias e de revelações, um mundo, a partir de então, mais inclusivo e conseqüentemente mais humano.

REFERÊNCIAS

- Araújo, F. F. A. (1844, Janeiro 6). Estudos Moraes e Politicos D'um Velho Ministro D'Estado. *O Panorama – Jornal Literario e Instructivo*, 106, pp.2-3.
- Brito, A. F. (1997). Gazeta Literária do Porto. In H. C. Buescu (Coord.), *Dicionário do Romantismo literário Português*. Lisboa: Caminho.
- Carvalho, R. (2001). *História do Ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Chagas, P. (1867, 15). O abbade de L'Épée. *O Panorama - Semanário de Litteratura e Instrução*, 15, p. 115-117.
- Chagas, P. (1867, 17). O abbade de L'Épée. *O Panorama - Semanário de Litteratura e Instrução*, 17, p.106-108.
- Chagas, P. (1867, 8). O abbade de L'Épée. *O Panorama - Semanário de Litteratura e Instrução*, 8, 60-61.
- Deusdado, F. (1995). *Educadores Portugueses. Seguido de Esboço Histórico da Filosofia em Portugal no século XIX*. Porto: Lello & Irmão.
- Ferreira, S. P. (1843, 57). Philologia. *O Panorama - Semanário de Litteratura e Instrução*, 57, pp.27-28.
- Fonte, B. (2001). *Dicionário dos mais ilustres trasmontanos e alto durienses*. Guimarães: Editora Berço da Cidade.
- Herculano, A. (1839, Fevereiro 16). O abade de L'Épée. *Jornal Literário e Instrutivo “O Panorama”*, 16.
- Mello, M. C. (1971). *O Panorama História de um Jornal*. Lisboa: UL.
- Os RR (1842, Janeiro 1). Aos leitores. *O Panorama – Jornal Litterário e Instructivo*, 1, Vol.VI, pp.1-2.
- Pan (1841, Agosto 21). Do objecto e utilidade dos Jornaes Populares. *O Panorama - Semanário de Litteratura e Instrução*, 225, Vol. V, pp.270-272.
- Pan (1842). *O Panorama - Semanário de Litteratura e Instrução*, 1, Vol VI, pp 1-2
- Pan (1846, Setembro 5). Introdução. *O Panorama - Semanário de Litteratura e Instrução*, 1, Vol.I, pp.1-2.
- Ribeiro, J. S. (1879). *História dos Estabelecimentos Científicos, Literários e Artísticos*. (Tomo VIII). Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências.
- Rodrigues, J. B. (2008). *A Educação na revista “O Panorama”*. (Doutoramento em Educação). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Salgueiro, E. E. G. (2010). *Jacob Rodrigues Pereira – Homem de Bem, Judeu Português do séc. XVIII, Primeiro Reeducador de crianças surdas e mudas em França*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Saraiva, A. J. (1949). *Herculano e o liberalismo em Portugal. Os problemas morais e culturais da instrução do regime. 1834-1850*. Lisboa: s/ed.
- Séguin, E. (1847). *Jacob Rodrigues Pereira. Premier Instituteur de sour-muets em France (1744/1780). Notice sur sa vie e ses travaux; et Analyse raisonnée sur sa méthode, précédée de L'eloge de cette methode par Buffon*. Paris: J.B.Ballère, librairie de l'Academie Royale de Médecine.